

**O movimento LGBT no Brasil (1978- 1981):
um estudo sobre o Jornal Lampião da Esquina**

*The LGBT movement in Brazil (1978- 1981):
a study of the Journal of Lampião Corner*

Wendel Souza SANTOS¹

Resumo

Este artigo aborda o movimento LGBT no Brasil (1978- 1981) por meio do jornal impresso Lampião da Esquina. Tivemos como objetivo analisar como se desenvolveu o movimento por meio do impresso Lampião e seus reflexos na sociedade daquele período no Brasil. Utilizamos como metodologia pesquisa bibliográfica qualitativa. A coleta de dados se deu através do site do Grupo Dignidade, no qual disponibiliza as edições do jornal Lampião como forma de memória do movimento LGBT no Brasil. Concluimos que o jornal Lampião da Esquina impresso foi pioneiro em tratar de temas destinados aos homossexuais em uma fase de cerceamento da liberdade de expressão, decorrente do regime militar de 1964.

Palavras- chave: Movimento LGBT. Jornal Lampião da Esquina. Homossexualidade.

Abstract

This article discusses the LGBT movement in Brazil (1978- 1981) through the printed newspaper Lampião the corner. Our objective was to analyze how the movement has evolved through the printed Lantern and its effects on society of that period in Brazil. We used as qualitative methodology literature. Data collection occurred through the Dignity Group site, which provides the Lantern newspaper editions as a form of memory of the LGBT movement in Brazil. We conclude that the Lantern newspaper printed Corner pioneered address issues for homosexuals in a retrenchment phase of freedom of expression, due to the military regime in 1964.

Keywords: LGBT movement. Journal Lampião the corner. Homosexuality.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC.
E- mail: wss181@hotmail.com

Introdução

A década de 1970 foi marcada por novos movimentos sociais que lutavam contra a opressão em busca da liberdade de expressão. Podemos destacar o movimento feminista, o movimento negro, entre outros. Sendo assim, delimitamos nosso estudo no movimento LGBT (1978- 1981) por meio do jornal Lâmpião da Esquina. Com o surgimento desse jornal, iniciava-se, assim, um movimento em busca do respeito e autonomia dos povos, de respeito a todas as diversidades, numa perspectiva libertária do ponto de vista político, econômico e social. No Brasil, o cenário era o da ditadura militar responsável pela censura de imprensa. Neste contexto, o impresso O Lâmpião da Esquina (1978-1981) trouxe várias discussões sobre sexualidade entre outros temas polêmicos, sendo este, o primeiro jornal a abordar a homossexualidade de maneira pontual no Brasil.

Diante de sua relevância para a história do movimento LGBT no Brasil, este artigo tem como objetivo verificar como se desenvolveu o movimento LGBT por meio do jornal o Lâmpião da Esquina. Através da análise do referido impresso, propõe-se um aprofundamento sobre o movimento homossexual em fins da década de 1970, assim como suas repercussões naquele contexto, em que predominava uma sociedade baseada num padrão heteronormativo², modelo este que ainda vigora na atualidade.

A pesquisa proposta foi organizada da seguinte maneira: primeiramente, tratou-se das questões conceituais de gênero, em seguida, apresentamos a formação do movimento homossexual na década de 1970 por meio do jornal Lâmpião da Esquina. A metodologia aplicada foi a da pesquisa qualitativa e análise de conteúdo de seis edições do jornal em diferentes fases que postulam a mudança em sua linha editorial.

Gênero e sexualidade: da palavra proibida à desconstrução

O que é a homossexualidade? Como saber o que é a homossexualidade quando nesta sociedade existem tantos discursos e opiniões contraditórias e mal encontradas a

² Padrão este a que se refere à heterossexualidade como norma e única forma de viver a sexualidade (LOURO, 2000).

respeito do assunto na educação? Aonde começar? Em quem acreditar? Em vez de tentar responder diretamente a esta pergunta, que implicaria ser simplesmente mais uma receita que pretendesse ser um prato com paladar melhor que os outros, iremos numa outra direção. Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e práticas a ele associadas são produzidas historicamente e que são intimamente relacionadas com o todo da sociedade a qual ela espera (FRY; MACRAE, 1985). Desse modo,

Cria-se, então, uma série de expectativas a respeito do comportamento considerado apropriado aos homens e mulheres de acordo com sua posição social. Estas expectativas, nem sempre conscientes, são impostas através de uma série de mecanismos sociais. Desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer desvio é reprimido e recupera-se o bom comportamento (FRY; MACRAE, 1985. 12).

O interessante é que este mesmo raciocínio é raramente usado quando se discute a homossexualidade. De alguma forma, a tendência é de acreditar que homossexuais masculinos e femininos são biologicamente ou psicologicamente tão diferentes dos assim chamados heterossexuais, que seu comportamento pode ser compreendido em termos mais psicológicos e biológicos que sociais. É tido como “natural” que o homossexual masculinoseja “afeminado” e a homossexual feminina “máscula”, e assim as “bichas” e “sapatões” do folclore brasileiro adquirem o status de uma condição que nunca é social, mas sim natural. É também tido por muitos que os homossexuais são doentes ou, ao menos, neuróticos (FRY; MACRAE, 1985). Em crítica, “às indistinções do senso comum – como a noção de que é um sujeito gay não passa, ao fim e ao cabo, de uma mulherzinha ou a noção de que é impossível ser feminina e lésbica –, noções que acabam por se naturalizar de tal modo que se tornam quase imperceptíveis” (LOURO, 2011, p. 63). Essas noções estão muito arraigadas em nossa cultura e lidamos com elas constantemente dentro de nós, porém, podem ser desconstruídas.

A contribuição de Jacques Derrida para a Teoria Queer³ pode ser resumida a seu conceito de complementaridade e à perspectiva metodológica da desconstrução. Assim,

³ A teoria *queer* permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação (LOURO, 2004, p.47).

a complementaridade mostra que significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que parece estar fora de um sistema já está dentro dele e o que parece natural é histórico. Na perspectiva de Derrida, a heterossexualidade precisa da homossexualidade para sua própria definição, de forma que um homem homofóbico pode-se definir apenas em oposição àquilo que ele não é: um homem gay. Este procedimento analítico que mostra o implícito dentro de uma oposição binária costuma ser chamado de desconstrução. Desconstruir é explicitar o jogo entre presença e ausência, e a complementaridade é o efeito da interpretação porque oposições binárias como a de hetero/homossexualidade, são reatualizadas e reforçadas em todo ato de significação, de forma que estamos sempre dentro de uma lógica binária que, toda vez que tentamos quebrar, terminamos por reinscrever em suas próprias bases (MISKOLCI, 2009, p. 153).

A teoria queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, “é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção⁴, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (MISKOLCI, 2012, p. 25).

É proibido proibir: a voz da diversidade e o Jornal Lampião da Esquina

Em uma abordagem histórica, Miskolci (2012) recorda, que ao acordar, tinha que colocar o uniforme e ir para escola. Estávamos na época da ditadura militar no Brasil. No pátio tinha que formar filas para meninos e meninas. Ali começavam as brincadeiras robustas para eles, e frágeis para elas. As brincadeiras cruéis dos meninos, eram sempre para exercitar sua valentia.

Sob o regime ditatorial militar, Miskolci(2012) relembra que vivia sob a sombra de uma ordem política e social que girava em torno de um poder eminentemente masculino. A masculinidade se confundia com a violência, em um jogo injusto e cruel. Homem de verdade nessa época, era aquele que dominava as mulheres e desprezavam os homossexuais.

Somente com o relativo abrandamento da censura e a assim chamada abertura

⁴ A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade (MISKOLCI, 2012, p. 24).

política que começou em 1978, foi possível uma veiculação mais abrangente e sistemática destas questões. Neste mesmo ano apareceu o jornal *Lampião da Esquina*, editado no Rio de Janeiro por jornalistas, intelectuais e artistas homossexuais que pretendiam originalmente lidar com a homossexualidade procurando forjar alianças com as demais “minorias”, ou seja, os negros, as feministas, os índios e o movimento ecológico. Assim,

A ideia de publicar um jornal que, dentro da chamada imprensa alternativa, desse ênfase aos assuntos que esta considera “não prioritários”, surgiu em novembro de 1977, com a primeira visita que Winston Leyland, editor do *Gay Sunshine* (revista homossexual americana), fez ao Brasil para divulgar seu livro intitulado *Now the Volcano: na anthology of latin american gay literature*. Antologia que contém textos de quatro escritores brasileiros João Silvério Trevisan, Gasparino Damata, Aguinaldo Silva e Darcy Penteado. Este grupo de escritores costumava se encontrar no apartamento de Darcy Penteado para ler e discutir seu conteúdo. A partir destes encontros, outros amigos se juntaram ao grupo, somando onze militantes intelectuais que assumiram o que a mesma imprensa nacional chamaria depois de “compromisso histórico”. Assim, foi criado *Lampião* e ficou decidido que os onze idealizadores formariam um Conselho Editorial, encarregado de traçar e manter a linha editorial desta publicação. São estes os onze membros: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernadet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry (HEEREN, 2011, p.47).



Figura 1. Lampião da Esquina. Edição 00 - abril 1978

Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/jornal-lampiao-da-esquina/>

Em abril de 1978, aparecia então o número 0 do jornal Lampião – fato quase escandaloso para os conservadores de esquerda e direita brasileiras, acostumados ao recato, acima de tudo. “Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes [...]” (FOUCAULT, 1999, p.9). Assim, “ao lado de instituições tradicionais, como o Estado, as igrejas ou a ciência, agora outras instâncias e outros grupos organizados reivindicam, sobre ela, suas verdades e sua ética” (LOURO, 2004, p. 541).

Com sua redação instalada no Rio de Janeiro, mas mantendo uma equipe editorial também em São Paulo, Lampião vinha, bem ou mal, significar uma ruptura: onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo – e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual.

Além de publicar roteiros de locais de pegação⁵ nas principais cidades do país, nele começaram a ser empregadas palavras proibidas ao vocabulário bem-pensante (como viado e 47 bicha), de modo que seu discurso gozava de uma saudável independência e de uma difícil equidistância inclusive frente aos diversos grupos de esquerda institucionalizada. Tratava-se de um jornal que desobedecia em várias direções(HEEREN, 2011).

Embora este projeto de aliança não tenha tido o sucesso desejado, o jornal certamente foi de grande importância, na medida em que abordava sistematicamente, de forma positiva e não pejorativa, a questão homossexual nos seus aspectos políticos, existenciais e culturais(FRY; MACRAE, 1985). Assim,

Apesar do abrandamento da censura e do fato de a homossexualidade nem sequer ser mencionada no Código Penal Brasileiro, em 1979 instaurou-se um inquérito policial contra os editores do Lampião, que seriam acusados de infringir a Lei de Imprensa por contrariar a “moral e os bons costumes”. Anteriormente fora processado outro jornalista, Celso Curi, que escrevia regularmente no jornal última Hora, de São Paulo, a “Coluna do Meio”, espaço reservado para fofocas e informações sobre o meio homossexual. (FRY; MACRAE, 1985, p. 11).

Nesse contexto, sobre o poder que se apoderam do discurso, “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar tudo em qualquer circunstância. Temos aí um jogo de interdições que se cruzam, se reforçam” (FOUCAULT, 1999, p.9). Assim, apesar das ações policiais e judiciárias serem arquivadas, depois de complicadíssimos trâmites legais, o fato é que tanto aquele jornalista quanto os editores do Lampião passaram meses de intimidação e humilhação. Estes últimos foram salvos em parte pelo apoio do Sindicato dos Jornalistas, cujos advogados os defenderam. Seguramente era um sinal de que a homossexualidade deixava de ser objeto apenas de escárnio, começando a ser reconhecida a legitimidade de suas reivindicações(FRY; MACRAE, 1985).

Cabe salientar, que no ano de 1978 também surgiu o nascimento do Movimento Negro Unificado, o pleno desabrochar do movimento feminista e o surgimento dos primeiros núcleos do movimento homossexual no Brasil. Logo após o surgimento do jornal Lampião, um grupo de artistas, intelectuais e profissionais liberais, descontentes

⁵ Termo usado na época.

com uma vida social restrita a boates e bares do “gueto” homossexual, começou a se reunir semanalmente em São Paulo. Visando originalmente discutir as implicações sociais e pessoais de sua orientação sexual, eles fizeram sua primeira manifestação pública através de uma carta aberta ao Sindicato dos Jornalistas protestando contra a forma difamatória com que a “imprensa marrom” apresentava a homossexualidade.(FRY; MACRAE, 1985).

Segundo Heeren (2011) o jornal *Lampião da Esquina* foi dividido em três fases: a primeira fase, Heeren (2011) chama de “heróica”, onde o jornal se preocupou em desmitificar vários conceitos construídos sobre a homossexualidade, como o produzido pelo discurso médico, pelo discurso religiosos etc., tentando desta maneira conscientizar seus leitores a respeito dos mitos e verdades sobre estes temas, foi até o número que saiu a entrevista com Fernando Gabeira (Edição 18, novembro de 1979), não só por causa dela, mas também porque esta edição marcou o fim do processo contra o jornal, o que coincidiu com o início da temporada de abertura no Brasil.



Figura 2. *Lampião da Esquina*. Edição 18 - novembro 1979

Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/jornal-lampiao-da-esquina/>

A segunda, a que Heeren (2011) chama de “ativista”. Essa foi marcada por reportagens e artigos como o de João Carneiro que abordava os vários assassinatos de homossexuais ocorridos em Recife (Edição 25, junho de 1980) e conclamava a comunidade homossexual à se rebelar contra a violência homofóbica. O universo da militância envolvendo as minorias estava muito presente nestas edições.



Figura 3. Lampião da Esquina. Edição 25 - junho 1980

Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/jornal-lampiao-da-esquina/>

A terceira fase foi a que Heeren (2011) chama de “jornalística e inovadora” começando com a edição que falava sobre a prostituição masculina (Edição 30, novembro de 1980).

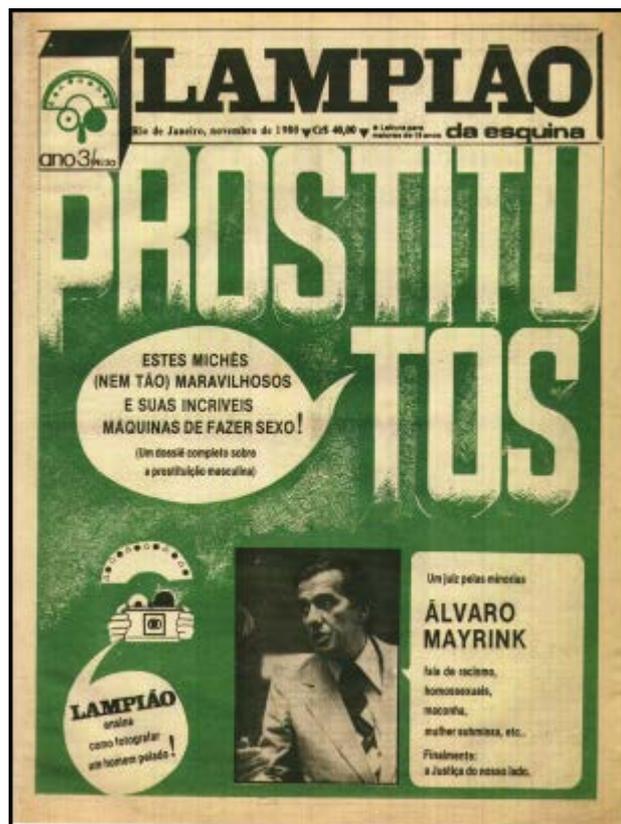


Figura 4. Lampião da Esquina. Edição 30 - novembro 1980

Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/jornal-lampiao-da-esquina/>

Heeren (2011) em sua dissertação de mestrado afirma que o jornalista Bernardo Kucinski em seu livro *Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa* disse que *Lampião da Esquina* começou elegante e terminou pornográfico. Assim, Heeren (2011) contesta chamando o discurso de “equivoco”. Em termos de conteúdo, no final de 1980 o jornal publica sua terceira Edição Extra contendo uma entrevista inédita com Manuel Puig e outra de Jean-Paul Sartre concedida à revista francesa *Gai Piedre* reproduzida na íntegra pelo jornal, ambas fazendo reflexões sobre a questão gay. A publicação destas entrevistas indicam que o projeto político do jornal não havia mudado no decorrer dos anos. Em junho de 1981 saía o último número de *Lampião* (edição 37) também trazendo uma entrevista com o ensaísta, romancista e militante homossexual Guy Hocquenghem.



Figura 5. Lampião da Esquina. Edição 37 - julho 1981

Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/jornal-lampiao-da-esquina/>

Quanto à publicação de fotos contendo nudez masculina, em alguns números, fazia parte do contexto das matérias e davam vazão a uma estética “camp”, sempre privilegiada pelo Lampião.



Figura 6. Lampião da Esquina. Edição 27 - agosto 1980

Fonte: <http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/jornal-lampiao-da-esquina/>

O nu frontal era a forma do jornal quebrar o tabu de que certas partes do corpo não podiam ser mostradas (HEEREN, 2011). Tabu este muito salientado por Foucault em História da sexualidade, “onde o único lugar da sexualidade e do corpo era o quarto dos pais, reduzido ao silêncio” (FOUCAULT, 2009, p. 10). Tratava-se, portanto, de um discurso contra o falso moralismo e a hipocrisia presentes na da classe média brasileira da época.

Assim, o jornal Lampião da Esquina se debateu com o discurso de poder da época, no qual uma parcela conservadora da sociedade brasileira se negava em falar sobre o assunto. Isso é o que Foucault (1999) fala das sociedades do discurso, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-lo circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição. Desse modo “Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras” (LOURO, 2008, p. 18).

Considerações finais

Pudemos perceber que, ao falarmos sobre gênero e sexualidade, perguntaremos sobre como tal fala produz individualidades a partir de discursos sociais que procuram legitimar formas diversas de intervenção e proibição. Desse modo, fizemos um estudo sobre o Jornal Impresso Lampião da Esquina para investigar como tais discursos foram formados e como eles demonstraram a natureza produtiva do poder no impresso LGBT da época de 1978 a 1981.

Sendo assim, isso nos permitiu pensar o poder não apenas como uma forma de coerção imposta que nos coage de fora, mas principalmente como um modo de produzir formas de vida, de dar forma a nossos desejos. Do mesmo modo, pensamos também no termo “abjeção”, no qual se refere ao espaço que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política. O abjeto não é simplesmente o que ameaça a saúde coletiva ou a visão de pureza que delinea o social, mas, antes, o que perturba a identidade, o sistema, a ordem (MISKOLCI, 2012).

Portanto, com base nesta pesquisa, verificamos ainda a importância do jornal O Lampião da Esquina como resgate da memória do movimento LGBT no Brasil no período de (1978- 1981), pois o mesmo possuiu um caráter de formação social, que teve como objetivo funcionar como disseminador contra qualquer forma de estereótipos e desassociar a homossexualidade à marginalização social. O Lampião da Esquina veio a colaborar para a desmistificação de estigmas, tabus e preconceitos, assim como, para o crescimento da visibilidade do movimento LGBT na sociedade brasileira.

Referências

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 5. ed. Tradução de Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. História da sexualidade. In: **A vontade de saber**. 19. ed. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

HEEREN, José Augusto de Castro. **O armário invertido**: comunicação e discurso sob a luz de Lampião. 2011. 238 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação, São Paulo, 2011.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente**. v. 3, n. 2, jan.-jul. 2011. Disponível em:<<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/9/30/1>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2015.

_____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. TeoriaQueer - uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**. Ano 9(2), 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

_____. **Um Corpo Estranho**: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 96 p.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. p. 150-182,2009. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf> >. Acesso em 10 jan. 2015.

_____. **TeoriaQueer**: um aprendizado pelas diferenças. Ouro Preto: Autêntica, 2012.